

O enigma da existência: defesa da abordagem rejeicionista

Luís Carlos Vicente Ramos

UNIVERSIDADE DO PORTO

RESUMO

Neste artigo defenderei, contra Nicholas Rescher, a abordagem rejeicionista como solução para o enigma da existência. Com esse objetivo em vista, o artigo divide-se em duas partes: na primeira, defenderei a viabilidade dessa abordagem; na segunda, proporei um novo argumento a favor dessa abordagem.

Palavras-chave: existência; nada; princípio da unidade essencial dos contrários; abordagem rejeicionista; algo.

ABSTRACT

In this paper I will defend, against Nicholas Rescher, the rejectionist approach as a solution to the riddle of existence. With this objective in mind, the article is divided into two parts: in the first, I will defend the feasibility of this approach; in the second, I will propose a new argument in favor of this approach.

Keywords: existence; nothing; principle of essential unity of opposites; rejectionist approach; something.

Introdução

NICOLAS RESCHER, ao tentar solucionar o chamado enigma da existência, o qual formula através da questão 'porque existe algo em vez de nada?' (Rescher 1999:7), antes de chegar àquela que considera ser a solução mais plausível para esse enigma, nomeadamente,

a abordagem nomológica, apresenta várias respostas para esta questão, que vai descartando ao longo da discussão.

Uma dessas respostas, e contra a qual Rescher argumenta, é a abordagem rejeicionista. Segundo escreve o filósofo, os proponentes desta abordagem defendem que 'a questão deve ser abandonada como imprópria — por não representar uma questão legítima', uma vez que 'à luz de um exame mais minucioso, o "problema" explicativo', isto é, o problema de explicar porque existe algo em vez de nada, 'desaparece como sem sentido' (Rescher 1999:14).

Posto isto, o principal objetivo deste artigo é defender, contra Rescher, a abordagem rejeicionista como solução para este enigma.

Com esse objetivo em vista, dividirei este artigo em dois capítulos.

No primeiro capítulo, a fim de defender, contra Rescher, que a abordagem rejeicionista é viável para responder à questão de existir algo em vez de nada, vou dar três passos: o primeiro passo será apresentar o argumento de C. G. Hempel, que Rescher considera ser o principal argumento para defender esta abordagem; o segundo passo será apresentar o contra-argumento de Rescher a esse argumento; e o terceiro passo será apresentar uma crítica a esse contra-argumento de Rescher no sentido de defender o argumento de Hempel.

No segundo capítulo, a fim de propor um novo argumento para essa abordagem, depois de no primeiro capítulo ter defendido a viabilidade da mesma, vou dar também três passos: o primeiro passo será explicar porque considero ser necessário apresentar um novo argumento; o segundo passo será defender as três premissas que constituirão o argumento; e o terceiro passo será apresentar o argumento.

1. Defesa da viabilidade da abordagem rejeicionista contra Rescher

1.1. O argumento de C. G. Hempel

O primeiro passo que vou tomar a fim de defender a viabilidade da abordagem rejeicionista contra Rescher será apresentar aquele que

ele considera ser o principal argumento a favor de tal abordagem (Rescher 1999:14), nomeadamente, o argumento de Hempel que se segue (Hempel 1973:200).

Primeira fase do argumento:

PREMISSA 1: Toda a resposta explicativa do tipo *A* é explicado por *B* é logicamente possível se e somente se for o caso que, para explicar *A*, *B* corresponde à existência de algo.

PREMISSA 2: Toda a resposta adequada para a questão *porque existe algo em vez de nada?* é uma resposta explicativa tal que, para explicar *A*, *B* não pode corresponder à existência de algo.

CONCLUSÃO 1: Logo, toda a resposta adequada para a questão *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

Segunda fase do argumento:

[PREMISSA 3: Toda a questão construída de forma que uma resposta adequada não é logicamente possível deve ser rejeitada.]

CONCLUSÃO 1: Toda a resposta adequada para a questão *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

CONCLUSÃO 2: Logo, a questão *porque existe algo em vez de nada?* deve ser rejeitada.

1.2. O contra-argumento de Rescher

O segundo passo que vou tomar a fim de defender a viabilidade da abordagem rejeicionista contra Rescher será apresentar o seu contra-argumento (Rescher 1999:15).

PREMISSA 1: O argumento de Hempel é um bom argumento para defender a abordagem rejeicionista se e somente se a 'tese da homogeneidade genética' é verdadeira. Esta tese, que se sustenta no 'princípio grego antigo de que 'o mesmo deve vir do mesmo' e cujo nome deriva da 'analogia com o antigo, mas agora bastante obsoleto princípio de que "a vida deve vir da vida"', defende a ideia de que existe 'uma homogeneidade de tipo entre causa e efeito'. (Rescher 1999:15). Isto é, B, para explicar o algo A, tem de ter uma constituição idêntica à de A, ou seja, tem de ser um algo B.

PREMISSA 2: Várias evidências científicas, tais como, por exemplo, o facto de que, tal como nota Rescher, 'a matéria pode vir da energia' (Rescher 1999:15) provam que a tese da homogeneidade genética não é verdadeira.

CONCLUSÃO: Logo, o argumento de Hempel não é um bom argumento para defender a abordagem rejeicionista.

1.3. Crítica ao contra-argumento de Rescher

O terceiro passo que vou tomar a fim de defender a viabilidade da abordagem rejeicionista contra Rescher será apresentar a minha crítica a este contra-argumento que ele elabora contra Hempel.

Para esse efeito, gostaria de me centrar na segunda premissa do mesmo. Aí, o filósofo critica a tese da homogeneidade genética através de exemplos em que B e A, para o primeiro explicar o segundo, não necessitam de ter uma constituição idêntica — tal como é o caso da matéria, que, sendo constitutivamente diferente da energia, pode provir dela.

Porém, se analisarmos o exemplo de Rescher com atenção, percebemos que esse não é um exemplo em que a tese da homogeneidade genética não se aplique, pois, apesar de a matéria e a energia

parecerem constitutivamente diferentes, quando analisadas ao nível mais geral possível que é pedido pela questão *porque existe algo em vez de nada?* — verifica-se que elas são, a esse nível, constitutivamente idênticas, na medida em que, quer a matéria, quer a energia, são algo¹.

Logo, concludo que o exemplo de Rescher, em última análise, ao contrário daquilo que ele pretendia, é mais uma razão para sustentar a tese da homogeneidade genética, o que, colocando em causa a segunda premissa, nos permite recusar o seu contra-argumento — pelo que a abordagem rejeicionista, assente no argumento de Hempel, parece continuar a ser viável para responder à questão *porque existe algo em vez de nada?*

2. Proposta de um novo argumento para defender a abordagem rejeicionista

2.1. Porque considero ser necessário apresentar um novo argumento?

O primeiro passo que vou tomar a fim de propor um novo argumento para defender a abordagem rejeicionista será explicar por que razão considero ser necessário apresentar um novo argumento. A razão é a seguinte:

Embora julgue, como defendi, que a abordagem rejeicionista é viável para responder à questão *porque existe algo em vez de nada?*, penso que o argumento de Hempel é demasiado fraco para defender competentemente essa abordagem. E essa fraqueza, parece-me, provém do facto de o argumento se apoiar no pressuposto de que toda a resposta adequada para essa questão é uma resposta explicativa do tipo *A é explicado por B* e que, demonstrando como não é logi-

¹ Embora hoje se saiba, considerando as teorias físicas atuais posteriores a Einstein e ao contrário do que parece supor Nicholas Rescher, que matéria e energia são o mesmo, para a minha argumentação, que se situa ao nível dos conceitos *algo* e *nada*, basta-me mostrar que ambas são o mesmo simplesmente porque, como defendo, ambas são algo.

camente possível dar uma resposta explicativa do tipo *A é explicado por B* para a questão *porque existe algo em vez de nada?*, a mesma deve ser rejeitada. Esse pressuposto enfraquece a defesa da abordagem rejeicionista, na medida em que demonstrar que a adoção arbitrária de um certo tipo de resposta *Y* para uma pergunta *Z* conduz a que seja impossível responder-lhe não invalida quer a hipótese plausível de que existem outros tipos de resposta que são tão adequados para responder à questão quanto a resposta explicativa, quer a hipótese plausível de que esses outros tipos de resposta permitem dar uma resposta logicamente possível para a questão — o que poria em causa esta abordagem rejeicionista.

É, pois, necessário, para continuar a apoiar essa abordagem, apresentar um argumento mais forte do que esse, isto é, um argumento que, indubitavelmente, constitua uma prova segura de que a abordagem rejeicionista é a mais plausível para responder à questão — tarefa que pretendo realizar ao apresentar este novo argumento.

Penso que este novo argumento será mais forte do que o argumento de Hempel, na medida em que não se centra em defender que a adoção arbitrária de um certo tipo de resposta torna logicamente não possível responder à questão, deixando em aberto se isso também acontece com outros tipos de resposta, mas centra-se em defender que desde logo a própria formulação da pergunta não é logicamente possível.

2.2. Defesa das três premissas

O segundo passo que vou tomar a fim de propor um novo argumento para defender a abordagem rejeicionista será defender as três premissas que constituirão o argumento.

2.2.1. Defesa da primeira premissa

Para defender esta primeira premissa, partirei do pressuposto de que:

Se não é verdade que *P*, então a pergunta *porquê P?* não é logicamente possível. E eu penso que isso se deve ao facto de esta pergunta

assentar na falsa suposição de que é verdade que P. E essa suposição é falsa, uma vez que não é afirmado, como a pergunta supõe, que é verdade que P, mas, pelo contrário, é afirmado que não é verdade que P.

Por exemplo:

Se não é verdade que o Miguel vive em Espanha, então a pergunta *porque vive o Miguel em Espanha?* não é logicamente possível. E tal como referido anteriormente, penso que isso se deve ao facto de a pergunta assentar na falsa suposição de que é verdade que o Miguel vive em Espanha. E essa suposição é falsa, uma vez que não é afirmado, como a pergunta supõe, que é verdade que o Miguel vive em Espanha, mas, pelo contrário, é afirmado que não é verdade que o Miguel vive em Espanha.

Aplicando este raciocínio à pergunta *porque existe algo em vez de nada?*, obtenho, conseqüentemente, a primeira premissa para o meu argumento de defesa da abordagem rejeicionista: Se não é verdade que existe algo em vez de nada, então a pergunta *Porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

2.2.2. Defesa da segunda premissa

De modo a conduzir o argumento para a conclusão de que: a pergunta *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível (o que corresponde ao conseqüente da implicação da primeira premissa), esta segunda premissa tem de ser tal que eu consiga provar que não é verdade que existe algo em vez de nada (o que corresponde ao antecedente da implicação da primeira premissa).

Para isso, tenho de colocar a seguinte questão: *porque não é verdade que existe algo em vez de nada?* A resposta que eu considero mais plausível é a seguinte: porque é verdade que existe algo e existe nada. Nos próximos parágrafos vou demonstrar como cheguei até essa resposta.

Para começar, eu fundamentei a minha resposta num outro princípio da Grécia antiga, diferente daquele que é mencionado por Rescher, mais especificamente, num princípio proveniente do pensamento filosófico de Heraclito, nomeadamente, na formulação do princípio da *'unidade essencial dos contrários'* (Kirk, Raven e Schofield 2010:195) que o mesmo assume no fragmento 202, segundo a qual:

E como uma mesma coisa, existem em nós a vida e a morte,
a vigília e o sono, a juventude e a velhice: pois estas coisas,
quando mudam, são aquelas, e aquelas, quando mudam,
são estas.

(Kirk, Raven e Schofield 2010:195, frag. 202)

Para além deste fragmento, o comentário que lhe é feito por J. S. Kirk, J. E. Raven e M. Schofield ajuda-me a cumprir o meu objetivo quando estes afirmam que, nesse fragmento citado anteriormente, 'diz-se que certos contrários estão essencialmente ligados', isto é, 'são "a mesma coisa"' e são 'interdependentes' (Kirk, Raven e Schofield 2010:195–196). Levando em conta estas ideias:

Primeiro, estou em condições de defender que a relação existente entre algo e nada é tal que ambos — assim como os pares vida-morte, vigília-sono, juventude-velhice — são um par de contrários. E isto é assim porque é possível afirmar que algo e nada são uma mesma coisa, o que é possível fazer na medida em que, retomando a formulação desse princípio, algo, quando muda, é nada, e nada, quando muda, é algo.

Segundo, dizer que eles são uma mesma coisa é dizer que eles estão essencialmente ligados e interdependentes.

Terceiro, assim, do mesmo modo que quente e frio, citando ainda o comentário ao fragmento, 'formam o que poderíamos chamar um contínuo quente-frio, uma entidade única (i.e. a temperatura)' (Kirk, Raven e Schofield 2010:196), penso que também podemos dizer que algo e nada formam o que poderíamos chamar um contínuo algo-nada, uma entidade única (i.e. a existência).

Posto isto, se é verdade que a existência é essa entidade única constituída por esse contínuo algo-nada, e se algo e nada são a mesma coisa, na medida em que estão essencialmente ligados e estão

interdependentes, ou seja, a existência de algo implica a existência de nada e a existência de nada implica a existência de algo, então é verdade que a existência implica algo e nada, e, por conseguinte, é verdade que existe algo e existe nada.

Logo, uma vez que justifiquei que é verdade que existe algo e existe nada, tenho agora uma razão plausível para considerar que: Não é verdade que existe algo em vez de nada — o que corresponde, como referi, à segunda premissa do meu argumento.

2.2.3. Defesa da terceira premissa

Por fim, vou defender a terceira premissa do meu argumento recorrendo à seguinte analogia: do mesmo modo que, na minha apresentação do argumento de Hempel, fui obrigado a considerar, na terceira premissa, que o filósofo supunha que: Toda a questão construída de forma que uma resposta adequada não é logicamente possível deve ser rejeitada — para poder levar o argumento de Hempel a desembocar na abordagem rejeicionista, considero-me agora, pela mesma razão, analogamente autorizado a considerar a suposição de que: Toda a pergunta que não é logicamente possível deve ser rejeitada — suposição a qual corresponderá, igualmente, à terceira premissa do meu argumento.

2.3. Apresentação do argumento

O terceiro passo que vou tomar a fim de propor um novo argumento para defender a abordagem rejeicionista será construir esse argumento:

Primeira fase do argumento:

PREMISSA 1: Se não é verdade que existe algo em vez de nada, então a pergunta *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

PREMISSA 2: Não é verdade que existe algo em vez de nada.

CONCLUSÃO1: Logo, a pergunta *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

Segunda fase do argumento:

PREMISSA 3: Toda a pergunta que não é logicamente possível deve ser rejeitada.

CONCLUSÃO 1: A pergunta *porque existe algo em vez de nada?* não é logicamente possível.

CONCLUSÃO 2: Logo, a pergunta *porque existe algo em vez de nada?* deve ser rejeitada.

Nota final

Em suma, concludo, contra Nicholas Rescher, que a solução mais plausível para o enigma da existência, formulado através da questão *porque existe algo em vez de nada?*, é a abordagem rejeicionista, na medida em que o argumento apresentado demonstra que, uma vez que essa questão não é logicamente possível — ela deve ser rejeitada.

REFERÊNCIAS

- Hempel, Carl G. (1973). 'Science Unlimited'. *The Annals of the Japan Association for Philosophy of Science*. Vol. 14 (1973), pp. 187–202.
- Kirk, G., Raven J. e Schofield, M. (2010). 'Heraclito de Éfeso', in *Os filósofos pré-socráticos*. Fonseca, C. A. L. (trad.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 187–221.
- Rescher, N. (1999). 'On Explaining Existence. (Real Possibility as the Key to Actuality)', in Hales, S. D. (ed.), *Metaphysics: Contemporary Readings*. Canada: Wadsworth Publishing Company, pp. 7–25.